

VII Congreso Latinoamericano de Ciencia Política  
Asociación Latinoamericana de Ciencia Política – ALACIP  
Bogotá, 25 al 27 de septiembre de 2013

**Jovens eleitores e novas tecnologias: percepção, participação e  
comportamento**

Érica Anita Baptista  
anitaerica@gmail.com  
*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Bárbara Monteiro de Barros da Gama  
bmbgama@gmail.com  
*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Stéfany Sidô Ventura  
stefanysido@gmail.com  
*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Trabajo preparado para su presentación en el VII Congreso Latinoamericano de Ciencia Política, organizado por la Asociación Latinoamericana de Ciencia Política (ALACIP). Bogotá, 25 al 27 de septiembre de 2013

## **Jovens eleitores e novas tecnologias: percepção, participação e comportamento<sup>1</sup>**

Érica Anita Baptista<sup>2</sup>  
Bárbara Monteiro de Barros da Gama<sup>3</sup>  
Stéfany Sidô Ventura<sup>4</sup>

**Resumo:** Ancorado em discussões que procuram compreender a própria juventude e suas alterações no decorrer do tempo, o interesse e a participação política, e as novas possibilidades criadas pelas chamadas novas tecnologias, este trabalho procura traçar um perfil dos caminhos dos jovens na internet, no que se refere à informação política e observa se e como os jovens participam da política, a partir das tecnologias digitais. A hipótese que norteia a pesquisa, indica que o comportamento dos jovens, no que diz respeito a atenção, ao interesse e à participação política, é apenas reforçado na internet, de modo que suas atitudes sofrem pouca ou nenhuma alteração em um novo meio.

**Palavras-chave:** Juventude; participação política; tecnologias digitais

### **Jovens, política e novas tecnologias**

A internet trouxe novas e diversas alternativas informacionais, oferecendo acesso a conteúdos variados sem os filtros existentes nos meios de comunicação tradicionais. É neste contexto que buscamos compreender como os jovens percebem e utilizam o ambiente virtual. Problematiza-se também qual é o lugar e a importância da política para tais agentes.

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta alguns resultados e observações feitas a partir da utilização de dados do projeto de extensão “Jovens Eleitores e Novas Tecnologias” desenvolvido entre os anos de 2011 e 2013 pelo grupo de pesquisa “Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral”, coordenado pela professora Doutora Helcimara de Souza Teles, na Universidade Federal de Minas Gerais e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>2</sup> Jornalista e Mestre em Comunicação Social (PUCMinas). Atualmente, é doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora dos grupos “Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral” (UFMG) e “Discurso político midiático” (PUCMinas). Colaboradora do blog Comunicação e Política ([www.comunicacaoepolitica.com.br](http://www.comunicacaoepolitica.com.br)) [anitaerica@gmail.com](mailto:anitaerica@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora do grupo “Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral” (UFMG). [bmbgama@gmail.com](mailto:bmbgama@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora do grupo “Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral” (UFMG). [stefanysido@gmail.com](mailto:stefanysido@gmail.com)

A apatia política juvenil tornou-se mito desde meados da década de 1990. Os jovens são percebidos como relapsos e abnegados da política. Normalmente, são atribuídas características que os colocam como um grupo despolitizado, que não mais se organiza, não vai às ruas, não se preocupam em saber o que está acontecendo com a política tampouco em participar. São também identificados, em certa medida, como conformados com os padrões e valores que estão presentes no cotidiano e se reforçam ao longo do tempo. Estes são observados como individualistas, egoístas, sempre conectados às novas tecnologias e redes sociais, reforçando assim a ideia de que se trata de uma juventude virtual que tem dificuldade no contato pessoal face a face.

Há uma crescente preocupação de diversos atores políticos com a participação e mobilização da juventude nas instâncias políticas formais e informais, pois, o que se percebe é a ausência dos jovens nesses canais de participação, além da baixa adesão em organismos e movimentos políticos (partidos, movimento estudantil, sindicatos etc.).

A internet neste contexto vem abrir e ampliar possibilidades de participação política civil, multiplicando atores e ações. Cria um espaço onde as formas de se relacionar e interagir são ampliadas além de oferecer possibilidade de discursos mais horizontais uma vez que o acesso à informações e debates são mais fáceis de se alcançar.

Com intuito de correlacionar participação política, juventude e internet serão utilizados dados produzidos pelo projeto “Jovens Eleitores e Novas Tecnologias<sup>5</sup> e a pesquisa “Juventude, participação e voto” – ambos realizados na Universidade Federal de Minas Gerais e pelo grupo de pesquisa “Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral” – e, também, a Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013<sup>6</sup>, lançada pela Secretaria Nacional de Juventude.

## **Pensando a juventude**

Uma vez que se propõe abordar aspectos relativos à juventude, faz-se necessário retomar o próprio conceito de “juventude”. O tema tem sido pauta de diversos estudos e

---

<sup>5</sup> O projeto extensionista denominado: “Jovens Eleitores e Novas Tecnologias: um experimento com estudantes do ensino médio de Belo Horizonte” foi realizado em escolas do ensino médio da rede pública em Belo Horizonte, pelo grupo de pesquisa “Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral”, da Universidade Federal de Minas Gerais. O universo de participantes foi de 415 estudantes, com idade igual ou superior a 15 anos.

<sup>6</sup> A Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013 foi realizada pela Secretaria Nacional de Juventude, da Secretaria-Geral da Presidência da República.

são vários os conceitos formulados pelos pesquisadores ao longo do tempo. No entanto, os estudiosos concordam que ser “jovem” e estar incorporado à “juventude” não são fatores, tampouco conceitos estáticos. De acordo com a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), o período que começa aos 15 anos de idade e vai até os 24 anos pode ser chamado de adolescência ou juventude. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil altera um pouco esse período e considera a juventude a faixa etária entre 12 e 18 anos incompletos. Convém mencionar que a falta de rigidez do conceito pode ser explicada por uma série de fatores, sobretudo sociais, uma vez que a variação é percebida de país para país.

A partir de uma concepção sociológica, a juventude é compreendida pelo viés da noção social de cristalização de valores e de integração social; é um momento de passagem entre infância e a maturidade, quando o indivíduo é “apresentado” ao mundo das responsabilidades, como sugere Abramo (1997, p.29):

Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social.

Além disso, considera-se que se trata de um momento de acúmulo de experiências psíquicas que resultam em uma individualização e consequente aquisição de identidade (MAHLER, 1986).

O conceito funcionalista sociológico permite compreender, entre outros aspectos, costumeiras interpretações da juventude como de se tratar de um “problema”. Isso porque, as alterações e possíveis descontroles, que podem afetar uma juventude que apresenta um déficit na incorporação dos valores e das regras sociais, pode causar ao bom funcionamento e ao processo da integração social.

Interessante perceber, ainda, a evolução da percepção da juventude ao longo das décadas. Observando a partir da década de 1950, a visão de juventude foi a dos “rebeldes sem causa”, segundo a qual os jovens teriam predisposição ou tendências à delinquência e a transgressão. Na década seguinte e início dos anos 1970, os jovens representavam ameaça à ordem social, visto que eram demasiadamente críticos ao governo, à cultura e à moral vigentes. Os movimentos estudantis e sindicais foram utilizados por esses jovens de forma bastante significativa, como representação de contestação e crítica à conjuntura política e social em que viviam.

Na década de 1980, a juventude era vista como oposta às décadas anteriores. Os jovens seriam mais individualistas, com posições mais conservadoras e menos

contestadores. Seriam indivíduos mais apáticos indiferentes aos assuntos públicos e sociais. As duas décadas seguintes, 1990 e os anos 2000, marcaram o que ficou conhecido como a juventude globalizada e globalizante, e que percebia as mudanças e transformações sociais como uma utopia. Talvez por isso, a juventude tenha sido vista como apática e desinteressada pela política, pragmática e com valores hedonistas:

Descortina-se uma nova configuração do universo juvenil: a crise do espaço universitário como significativo para a elaboração das referências culturais, o enfraquecimento da noção de cultura alternativa como modo de contraposição ao sistema, e a emergência de uma intensa vivência, por parte dos jovens das camadas populares, no campo de lazer ligado à indústria cultural. (MISCHE *apud* ABRAMO, 1994, p.82).

### Quadro 1 – Literatura sobre a juventude

Gerações de Juventudes	Característica Geral	Lema	Comunidade vs. Cidade	Tipo de Pensamento
Baby Boomers (1940-1950)	Contestadores	Paz, amor e liberdade	Questionamento sobre funcionamento do espaço, da cidade; formação de grupos alternativos	Libertário
Geração X (1960-1970)	Individualistas	Prazer sem culpa	Divisão e formação de grupos mais fechados	Competitivo
Millennials (1980-1990)	Conectados	União do trabalho com o prazer	Transição em diversos grupos	Global

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com o fim da ditadura em 1985, iniciou-se o período da Nova República com a entrada do presidente José Sarney (o primeiro presidente eleito pós-ditadura foi Tancredo Neves, porém, este não assumiu em função de grave doença e posterior falecimento) governando de 1985 a 1990. Logo após temos a entrada do presidente eleito Fernando Collor que governa de 1990 a 1992.

Várias denúncias de corrupção e escândalos políticos midiáticos e uma grave crise financeira assolaram o governo durante o curto governo de Fernando Collor. Sobre isto, um grupo do movimento estudantil brasileiro cria o movimento dos “caras-pintadas”. Este movimento teve capacidade de levar centenas de jovens às ruas, mostrando o forte engajamento político e a enorme rejeição ao presidente. Em 29 de dezembro de 1992, cedendo a crise e a pressão popular, Collor declina do poder quando sofre o *impeachment* (impugnação do mandato).

Desde então, têm-se o mito da juventude desinteressada. Os jovens são percebidos como relapsos e abnegado da política. Normalmente, são visto como um grupo despolitizado, que não mais se organiza, não vai às ruas, não se preocupam em

saber o que está acontecendo com a política. São, em certa medida, conformados com os padrões e valores que cada vez mais tendem a ser globais. Estes são observados como individualistas, egoístas, sempre conectados as novas tecnologias e redes sociais, porém é uma juventude virtual que tem dificuldade no contato pessoal face a face.

Vale citar a pesquisa realizada pelo grupo Opinião Pública<sup>7</sup>, “Juventude, participação e voto”, em Belo Horizonte, com 500 jovens entre 18 e 24 anos, quando 82,4% dos entrevistados afirmaram ter pouco ou nenhum interesse por política. Perguntados sobre o grau de importância de alguns temas, 44,4% dos jovens entrevistados afirmaram que a política era nada ou pouco importante. Outro ponto revelado pela pesquisa foi o de que nenhuma das instituições apresentadas aos entrevistados, tais como partidos políticos, Congresso Nacional, Assembleia Legislativa e a Câmara Municipal, atingiu notas de confiança maiores que 4,4<sup>8</sup>, ao passo que instituições como a Igreja e as ONGs obtiveram nota média de confiança maior que 6. Essa informação é importante para o presente trabalho, na medida em que se está discutindo a participação dos jovens na política e, por consequência, se esbarra na confiança que eles têm nessas instituições.

A Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013, realizada através de 3.300 entrevistas com jovens de 15 a 29, obteve resultados interessantes a respeito de várias temáticas relacionadas à juventude. Sobre isso, vale ressaltar alguns resultados dessa pesquisa.

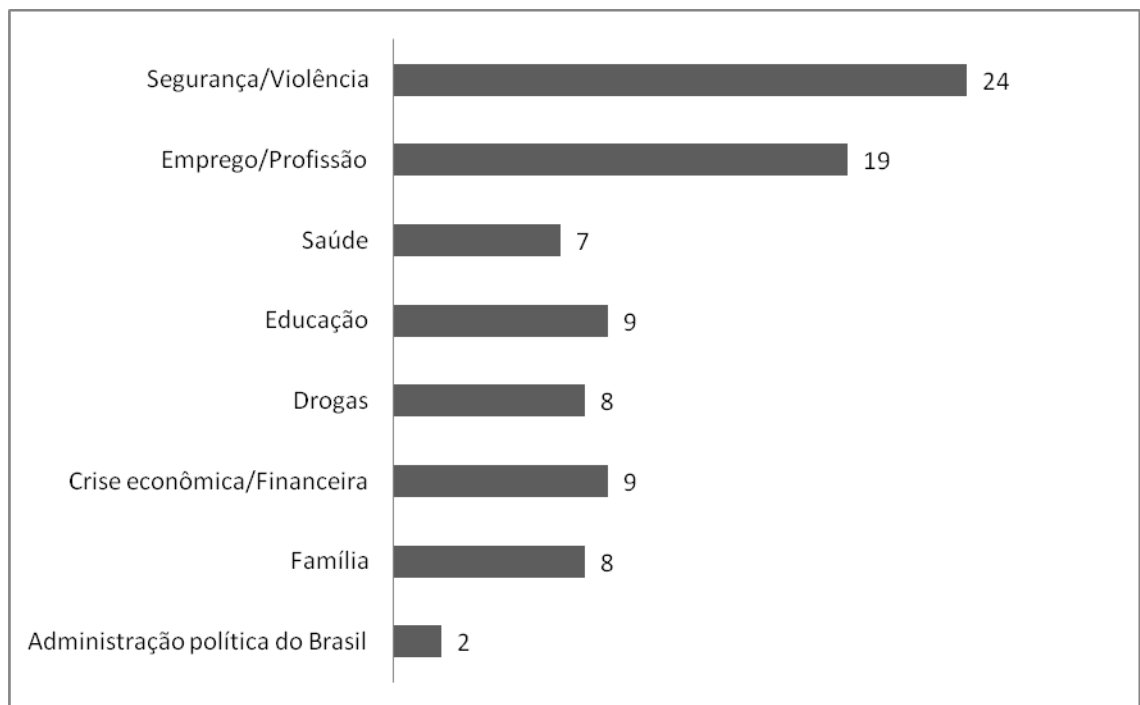
Quando perguntados sobre o que mais preocupa a sociedade (Gráfico 1), os jovens elegeram como principal tema a segurança e a violência, registrando 24%. Em seguida, observa-se a preocupação deles em relação ao futuro, quando destacam a temática do emprego e da carreira profissional (19%) enquanto um segundo aspecto relevante.

**Gráfico 1 – Qual assunto mais preocupa a sociedade (%).**

---

<sup>7</sup> Pesquisa “Juventude, participação e voto” realizada pelo grupo Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral, financiada pela FAPEMIG, em 2010.

<sup>8</sup> Pergunta: Em uma escala de 0 a 10, na qual zero significa nenhuma confiança e 10 total confiança.



Fonte: Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013.

Na última posição das respostas encontra-se a preocupação com a administração política do Brasil mostrando-se um problema que não apresenta centralidade nas questões concernentes as preocupações da juventude.

Também considera-se importante destacar os resultados das respostas dos jovens quando perguntados a respeito dos assuntos que gostariam de discutir com os pais (Gráfico 2).

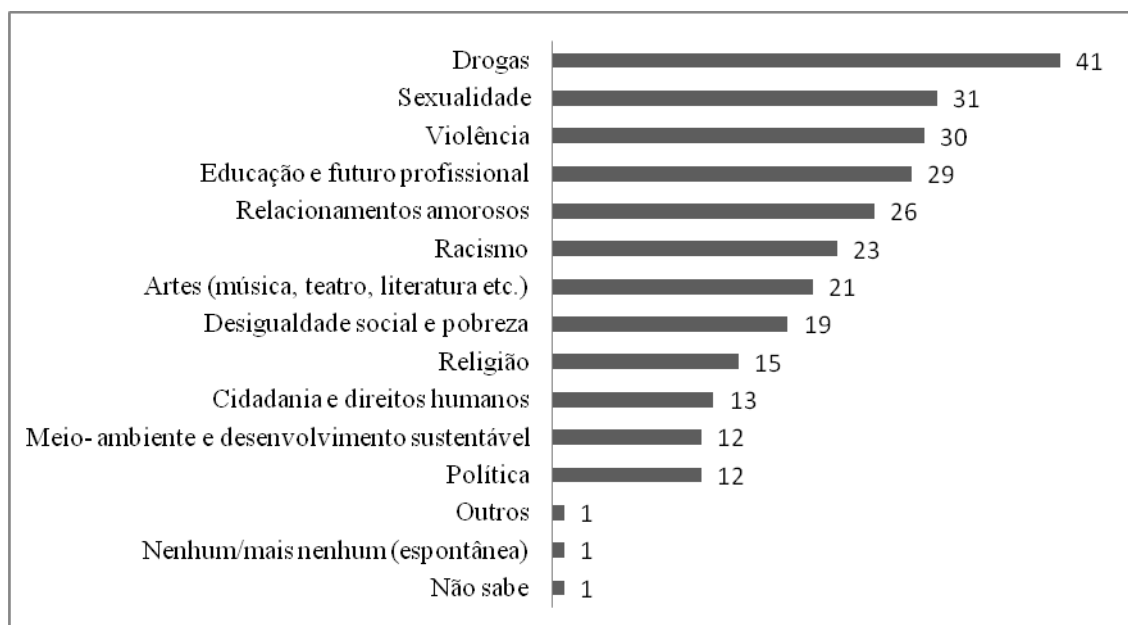
**Gráfico 2 – Assuntos que você gostaria de discutir com seus pais (%).**



Fonte: Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013.

De acordo com os resultados acima, percebe-se que as principais respostas obtidas foram relacionadas à educação e ao futuro profissional (45%), à violência (32%) e às drogas (31%). A discussão sobre política registrou apenas 14% das respostas, não se destacando na sequência de temas que os jovens consideram mais relevantes e que gostariam de discutir com os pais.

**Gráfico 3 - Assuntos que você gostaria de discutir com os amigos (%).**





Fonte: Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013.

De acordo com o gráfico 3, os temas mais citados entre os jovens para discutir com os amigos foram: drogas (41%), sexualidade (31%), violência (30%), educação e futuro profissional (29%), relacionamentos amorosos (26%), racismo (23%) e artes (21%). Nesta linha, a discussão sobre política garante 12% das respostas dos entrevistados.

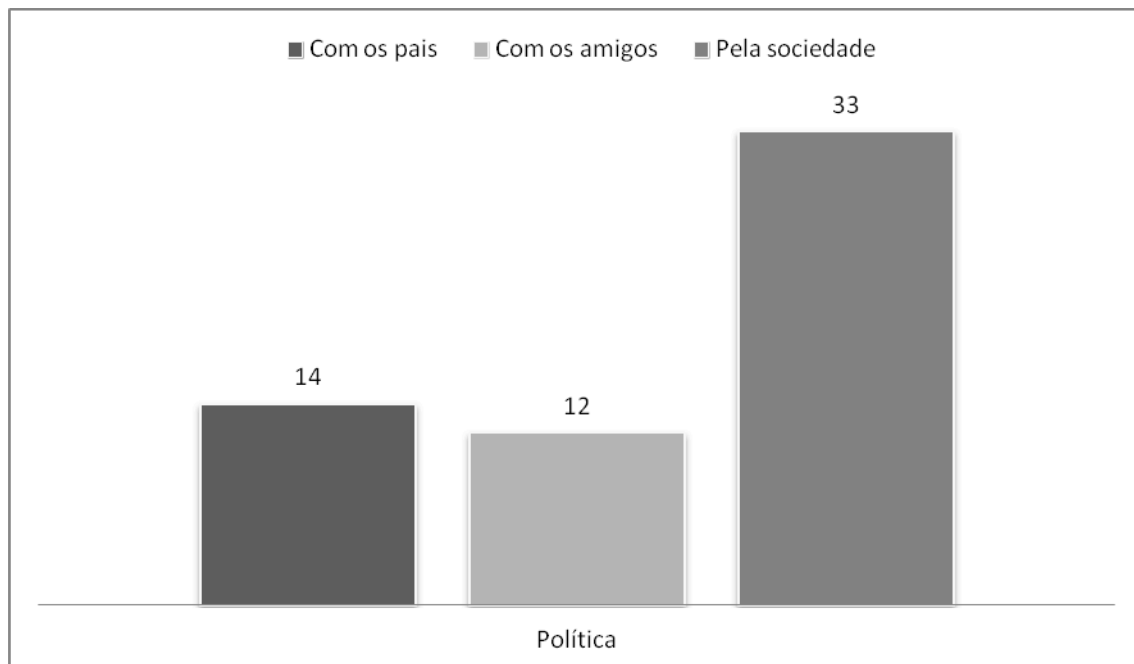
**Gráfico 4 – Assuntos que considera importantes para serem discutidos pela sociedade (%).**



Fonte: Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013.

Sobre os temas relevantes para a discussão da sociedade há uma grande variação das respostas obtidas nos gráficos anteriores, nos quais as perguntas eram relativas ao âmbito da vida familiar e pessoal. Os temas em destaque são: desigualdade social e pobreza (40%), drogas (38%), violência (38%), política (33%), cidadania e direitos humanos (32%), educação e futuro profissional (25%), racismo (25%) e meio-ambiente (24%). Interessante observar que a política, nesse caso, ocupa uma posição mais destacada, no entanto, os jovens parecem não considerar serem “responsáveis” por essa discussão quando destinam essa “função” ao restante da sociedade. Também pode-se sugerir que os jovens demonstram um distanciamento da política.

**Gráfico 5 – Relação de respostas de “assuntos a discutir” sobre política.**



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Portanto, pode-se inferir que a política é um tema que os jovens consideram importante, no entanto, o tema encontra-se como algo distante que deve ser alvo de interesse do outro, da sociedade entendida como uma entidade que possui uma espécie de “vida própria”.

Uma vez que se esbarrou em questões relacionadas aos grupos sociais, que aqui se traduziram em pesquisas que avaliaram os temas que os jovens gostariam de discutir com seu grupo familiar e grupo de amigos, entende-se que é relevante trazer alguns conceitos relativos à noção de redes sociais. Salienta-se, ainda, que essa discussão é muito importante para a proposta aqui apresentada, que observa percepção, a atenção e a participação política dos jovens, especialmente, nas redes sociais online.

## **Redes sociais**

Leonardo Euler, ainda no século XVIII, apresentou os primeiros estudos sobre as redes, trazendo a teoria dos grafos. O grafo seria uma representação de vários nós conectados entre si, de modo que se tenha uma rede. A teoria dos grafos, na sociologia,

sustenta o estudo das redes sociais, ancorada na Análise Estrutural, que teve seu auge nas décadas de 1960 e 1970.

A partir disso, diversos estudiosos iniciaram suas pesquisas tentando compreender as propriedades intrínsecas aos vários grafos existentes, de acordo com a forma com que os seus nós se agrupavam. Recentemente, portanto, mais do que compreender a formação das redes, as relações que se estabelecem nelas tem sido abordada em diversos estudos.

A análise das redes sociais tem como foco os padrões de relações entre as pessoas e o estudo dessas redes é um reflexo da passagem do individualismo, como nas ciências sociais, a uma análise estrutural (GARTON *et al.* 1997). Dessa forma, os estudos das redes buscam ir além dos atributos individuais e procuram analisar as relações entre os atores sociais.

Recuero (2005) explica que um dos modelos desenvolvidos para tentar compreender as relações que se estabelecem nas redes sociais é o de **Redes Aleatórias**, pelos matemáticos Paul Erdős e Alfred Rényi, que pensa a formação das redes enquanto um processo randômico, de modo que os nós se agreguem de maneira aleatória. Assim, os nós teriam um número proporcionalmente parecido de conexões, ou seja, seriam *redes igualitárias*. Os idealizadores desse modelo concluíram, ainda, que quanto mais links eram acrescentados, maior seria a chance de que fossem gerados *clusters* de nós mais conectados. O **Modelo de Mundos Pequenos**, desenvolvido por Duncan Watts e Steven Strogatz, a partir das teorias de Granovetter e do experimento de Milgram, apresentou a ideia de que as redes sociais tinham padrões altamente conectados, de modo que pequenas quantidades de conexões se formassem entre cada indivíduo. Esse modelo é semelhante ao de Paul Erdős e Alfred Rényi, e propõe que os laços são estabelecidos entre pessoas mais próximas e alguns deles, estabelecidos aleatoriamente entre alguns nós, transformam a rede em um “mundo pequeno” (WATTS, 2003). E esse modelo conclui, portanto, que duas pessoas estariam separadas no planeta por uma distância média de um número pequeno de outras pessoas, sendo que a condição dessa premissa é a existência de alguns laços aleatórios entre grupos. O modelo de mundos pequenos é próximo da realidade das redes sociais, na medida em que é possível que as pessoas tenham conhecidos em diversos lugares do mundo e estes, por sua vez, também tenham outra rede de conhecidos e assim por diante.

Barabási (2009), entretanto, contestou a aleatoriedade das conexões entre os nós e argumentou que quanto mais conexões um nó possui, maiores são as chances de ele estabelecer novas conexões, o que ele chamou de “conexão preferencial”. E isso leva a outro questionamento, de haveria um desequilíbrio entre os nós, diferente do havia sido proposto e que, portanto, não há chances equiparadas de conexões. As redes, então, seriam formadas por alguns nós com alta conectividade (assemelhados a *hubs*) e por outros tantos nós com número bem menor de conexões. E, assim, Barabási (2009) propôs o que seria o **Modelo de Redes sem Escalas** (RECUERO, 2005).

Muitos estudiosos empreenderam esforços em compreender a sociedade a partir da noção de rede. Destaca-se o modelo de Parsons (1969), que propõe que o sistema social tem quatro problemas fundamentais para solucionar: a adaptação; a integração; a conquista dos objetivos; e a manutenção dos padrões motivacionais e culturais. A chamada “ciência das redes” apresenta problemas teóricos, muitas vezes, relacionados à forma como a interação social é tratada, o que a abordagem sociológica supre, atribuindo especial atenção à estrutura das redes sociais. No entanto, a formalidade da abordagem sociológica pode comprometer o estudo da dinâmica envolvida nas redes que, por vezes, são consideradas de forma isolada temporal e espacialmente. Pesquisadores contemporâneos discutem essas dificuldades e tratando das redes sociais na internet, procuram avançar no preenchimento das lacunas apontadas nas diferentes abordagens (LAKATOS, MARCONI, 1995; PRIMO, 2003; RECUERO, 2005).

O rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) está impulsionando uma acelerada expansão da internet, que a cada dia ganha novos usuários em todo mundo está trazendo uma série de modificações nas relações sociais. A internet permitiu, entre outros, que a expressão e a sociabilização fosse realizada por meio das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador (CMC); os atores podem interagir e comunicar entre si, deixando pistas que permitem compreender a formação e a participação nas redes sociais. Essa possibilidade de investigações dessas novas interações inaugurou uma nova etapa nos estudos das redes sociais, a partir da década de 1990 (RECUERO, 2009).

Interessa-nos, aqui, tratar das possibilidades de acesso à informação e das discussões que a internet pode oferecer, sobretudo no contexto das redes sociais.

### **As redes sociais online e a informação**

Se a internet oferece a possibilidade de acesso a diversas informações sem que se passe, necessariamente, pelos filtros, por exemplo, dos meios de comunicação tradicionais, os usuários estão expostos a uma grandiosa quantidade e diversidade de informações. No entanto, como pondera Axelrod (1997), pensando em membros de uma rede social, quanto mais eles estiverem expostos a determinados conteúdos, maior será, também, a probabilidade de que suas opiniões tornem-se homogêneas. Assim, as pessoas têm a tendência a se relacionarem com aqueles que partilham de ideias próximas às suas. E, ainda, os indivíduos acabam por buscar conteúdos na web que já sejam de seu interesse, diante da grande variedade de informações disponíveis.

Importante retomar o conceito de “homofilia”, que se trata da tendência de as pessoas formarem grupos com aqueles que partilham de pontos de vista semelhantes, ainda que elas tenha a possibilidade de escolher outros indivíduos (HUCKFELDT, SPRAGUE, 1995). É interessante, porque se trata de um fenômeno observado, inicialmente, no que podemos chamar de “ambiente *offline*” e pode-se dizer que ele ainda permanece presente na internet. Na medida em que se reforçam os laços com aqueles que comungam das mesmas opiniões e, também, que se busca por informações pelas quais já se tem um interesse prévio, o conflito de ideias fica desfavorecido.

Lev-on e Manin (2009) afirmam que as pessoas tendem a evitar as discussões políticas controversas e acabam selecionando os parceiros na conversa – *likemindeds*. Uma das apostas feitas com o advento da internet é que essa lacuna fosse suprimida e que o contato com opiniões diversas e contrárias fosse mais amplo. No entanto, o que se observa é que os indivíduos apenas repetem na internet as atitudes que têm fora dela.

Alguns estudos mostram que as opiniões divergentes, na internet, não são frequentes por uma tendência que se tem em isolar ou constranger o interlocutor divergente e, assim, este tende a abandonar a discussão.

Quanto à exposição a informações diversas, Lev-on e Manin (2009) acreditam que a internet pode acrescentar ambientes a essa exposição. Eles explicam que, normalmente, as pessoas tendem a buscar informações junto aos seus *likemindeds* – dentro ou fora da internet – e na web, elas podem, ocasionalmente, se deparar com informações que apresentem pontos de vista que diverjam dos seus. Os autores concordam, porém, que a abundância de informações na internet e a liberdade de seleção dos usuários pode permitir que eles continuem privilegiando seus *likemindeds*, tornando a internet uma “câmara de eco”, ou mesmo, permanecerem desinformados.

## Os jovens e as novas tecnologias: o debate e a participação política

Marques (2008) destaca a importância do tema da participação da esfera civil:

Dentre os fatores que tornam as práticas democráticas únicas em cada sociedade, encontra-se um especial, a saber, aquele que versa acerca das possibilidades de participação da esfera civil quando da produção da decisão política e da discussão dos negócios públicos. A questão da intervenção política dos cidadãos vem constituindo, de fato, um dos traços definidores da própria noção de democracia e, por isso, afirma-se como uma das categorias centrais nos estudos de Ciência e Filosofia Políticas, bem como vige enquanto preocupação crescente de sucessivas administrações de regimes democráticos (MARQUES, 2008, p.45).

Pode-se questionar se as formas de participação política dos jovens dependem exclusivamente das chamadas novas tecnologias. Em princípio, é importante considerar que para que se configure a participação política, é necessário um acúmulo de experiências, como a vocalização de suas impressões sobre a política e suas necessidades (BRITES, PONTE, 2012).

O pressuposto é de que as chamadas novas tecnologias fazem parte do cotidiano dos jovens, seja no contexto escolar ou particular. Assim, a aposta é que as tecnologias digitais compõem esse leque de experiências dos jovens e, por vezes, figuram-se como um espaço de vocalização da juventude. Como exemplo, pode-se citar as manifestações ocorridas em junho de 2013, no Brasil, e até mesmo outros países, em que os jovens tiveram participação marcante, reclamando um espaço para essa vocalização.

Cabe ressaltar que o acesso à internet no Brasil tem crescido notadamente nos últimos anos. De acordo com a recente pesquisa do IBOPE Média, divulgada em julho de 2013, o número de brasileiros com acesso à internet chega a 102,3 milhões. No âmbito deste trabalho, interessa-nos observar mais do que o acesso em números, mas também os locais de acesso, sobretudo dos jovens. Para tanto, apresentam-se alguns dados:

**Tabela 1 – Acesso à internet**

Onde você mais tem costume de acessar internet?	
Em Casa	64,3%
Casa de Amigos	19,3%
Lan House	16,3%
Na escola	0,1%

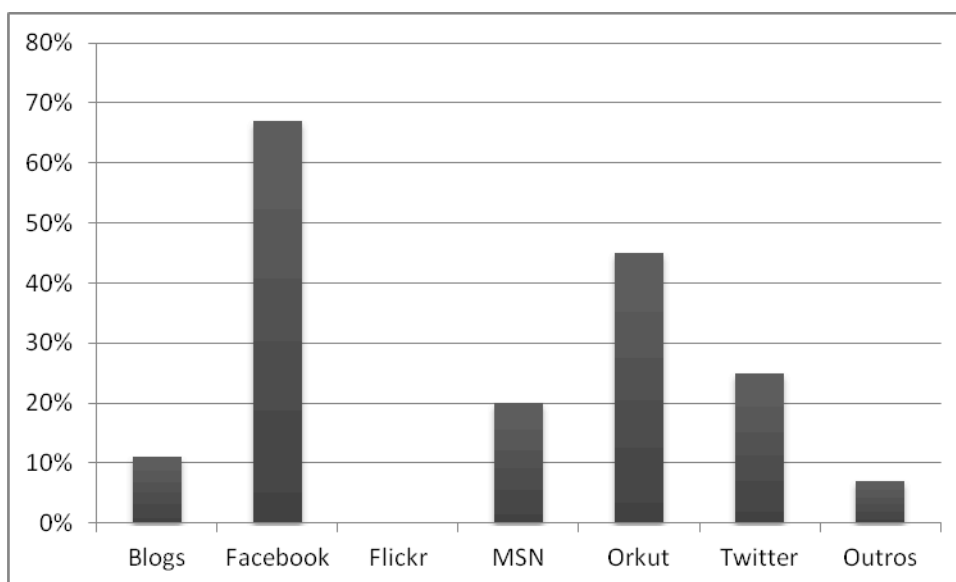
Fonte: Dados do projeto Jovens Eleitores e Novas Tecnologias. UFMG, 2013.

Cabe ressaltar que os dados apresentados acima são referentes a um universo de estudantes da rede pública de ensino, ou seja, talvez se fossem jovens da rede privada,

alguns dados poderiam ser diferentes, sobretudo os referentes ao acesso na escola. No entanto, ainda que a porcentagem de acesso nas escolas fosse mais significativa, o acesso residencial à internet, acreditamos, seria superior. Porém, a despeito dessa possível alteração, essa informação é importante por indicar um acesso mais próximo ao momentos de lazer.

Após identificar os locais de acesso, é interessante observar o que dizem os dados referentes ao acesso às redes sociais digitais. Diversas pesquisas mostram o Brasil em posição de destaque quanto à participação em redes sociais em nível mundial, e as redes mais acessadas são, sobretudo, o Facebook e o Twitter. Acredita-se, porém, que o Facebook tenha mais capilaridade entre os jovens, talvez por oferecer mais recursos interativos e boa usabilidade.

**Gráfico 6 – Acesso dos jovens às redes sociais online (%).**

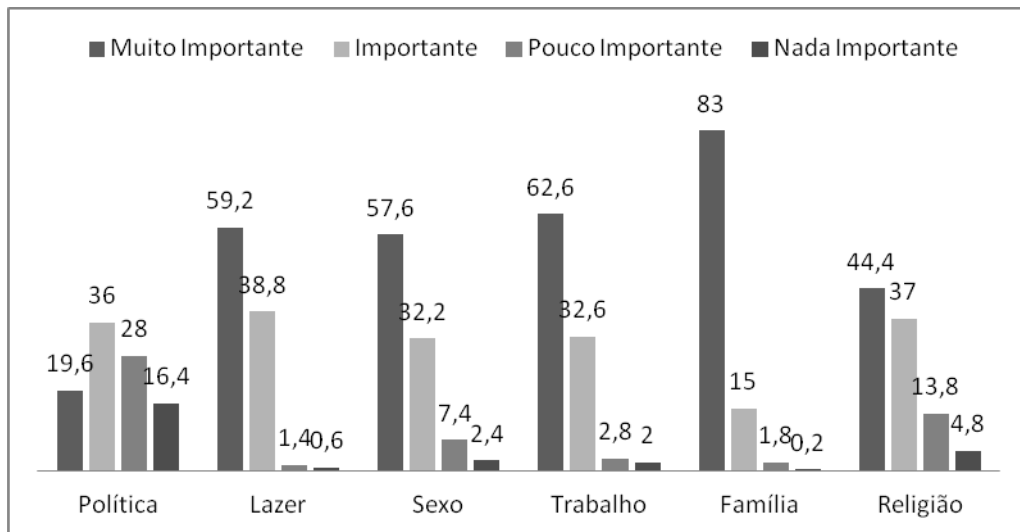


Fonte: Base de dados do Projeto Jovens Eleitores e Novas Tecnologias. DCP/UFMG/Fapemig

A partir do gráfico 6 é possível afirmar a preferência dos jovens pelo Facebook, seguido pelo Orkut. O Flickr não parece ser uma rede social conhecida pelos jovens e, portanto, não registrou menções.

Para auxiliar a compreender a percepção dos jovens sobre a política, recorremos a alguns dados.

**Gráfico 7 – Grau de importância de temas para os jovens de Belo Horizonte (%).**

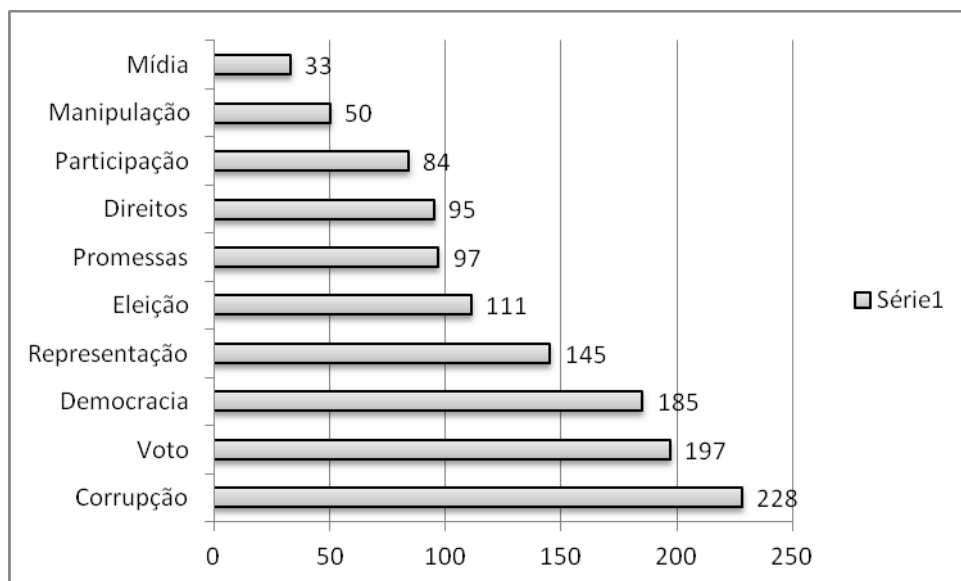


Fonte: Pesquisa *Juventude, participação e voto*. DCP/UFMG/Fapemig/Ipespe.

É oportuno salientar que 82,4% dos entrevistados (Gráfico 7) afirmaram ter pouco ou nenhum interesse por política. O tema ainda foi mencionado como nada ou pouco importante para 44% dos jovens entrevistados.

No gráfico 8, é possível observar os principais aspectos destacados pelos jovens a respeito da política, ou seja, o que compreendem enquanto política e a quais assuntos a relacionam.

**Gráfico 7 – A política na percepção dos jovens.**



Fonte: Dados do projeto Jovens Eleitores e Novas Tecnologias.



Observa-se que a associação mais frequente é à corrupção; e sobre isso, vale mencionar o pessimismo com relação à política. As menções a “voto” e “Eleição” sugerem que os jovens compreendem a política pelo viés eleitoral, ou seja, parecem não entender sua dimensão cotidiana e deslocada de cenários eleitorais. Também vale destacar a menção à “mídia”, ou seja, para os jovens a mídia participa da política.

Sobre esse último aspecto, vale ressaltar a importância da mídia como fonte de informação. Ainda que a aposta aqui seja de que a internet compõe várias dimensões do cotidiano dos jovens, isso não significa que a mídia “tradicional” não tem importância enquanto fonte de informação. Sobre isso, é importante mencionar o Latinobarômetro de 2011, que indica o alto índice de confiança dos cidadãos nos meios de comunicação – índice superior ao de outras instituições como os partidos políticos – e como eles figuram enquanto fonte de informação, sobretudo a televisão. Essa informação ajuda a compreender a menção à “mídia” (Gráfico 7); a sugestão é que, a partir do alto índice de confiança na mídia e de sua importância enquanto fonte de informação, os jovens naturalmente a associam à política, por ser o espaço de onde, tradicionalmente, recebem grande parte das informações sobre política.

**Tabela 2 - Participação Política (%).**

	<b>Discussão política</b>	<b>Distintivo político</b>	<b>Comício ou assembleia</b>	<b>Solicitar dinheiro ou contribuir financeiramente para causas políticas</b>	<b>Escrever blog</b>	<b>Greve</b>
<b>Nunca participou</b>	80,2%	83,6%	79,4%	97%	95,4%	92%
<b>Já participou, mas não participa mais</b>	14,6%	14%	18,4%	1,8%	2,2%	6,2%
<b>Participa atualmente</b>	5,2%	2,4%	2,2%	1,2%	2,4%	1,8%
<b>TOTAL</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Juventude, participação e voto*. DCP/UFMG/Fapemig/Ipespe.

Oportuno, ainda, apresentar alguns dados referentes à participação política dos jovens. De acordo com a tabela 2, é importante destacar que a maior parte dos jovens nunca participou de uma discussão política ou de uma assembleia. Talvez muitos jovens considerem essas formas de participação muito distantes de sua realidade, no entanto, até para a participação que mais se aproximaria de seu dia a dia, que seria escrever sobre política em um blog, o registro de ausência de experiência foi notável.

Sobre isso, também é válido retomar o que propõe Manin (1997), a respeito da participação política. Para o autor, o desenho institucional das democracias modernas não dedicou um espaço que contribuísse na participação efetiva dos cidadãos, ele destaca que os períodos eleitorais talvez sejam a única oportunidade nesse arranjo institucional. “O parecer de Bernard Manin (1997) e destes autores sobre o falho arranjo institucional das democracias modernas, que acaba por diminuir as chances de uma participação mais consistente da esfera civil, coaduna-se com o argumento defendido por outros estudiosos acerca dos principais estorvos a impedirem um maior envolvimento políticos dos cidadãos” (MARQUES, 2007, p.3).

Ainda a respeito da participação política, Delli Carpini (2000) salienta a importância de algumas condições para sua ocorrência: 1) motivação; 2) habilidades; e 3) oportunidades.

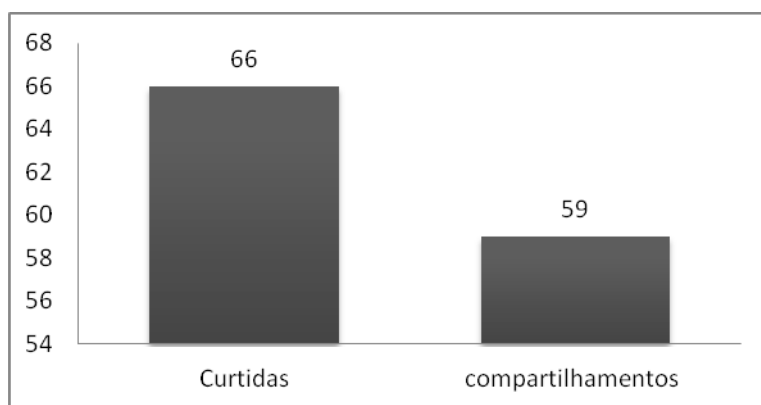
[...] para se engajarem politicamente, os cidadãos precisam de (1) motivação (senso de responsabilidade, satisfação, identificação de um problema que afeta diretamente suas vidas, crença de que seu envolvimento será devidamente considerado e que fará a diferença), (2) habilidades (este aspecto se relaciona, sobretudo, à disponibilidade de tempo, dinheiro, informação e educação formal) e de (3) oportunidades, isto é, de mecanismos de *input* apropriados. O autor vai argumentar que o declínio na atitude cívica dos cidadãos pode ser relacionado às deficiências presentes no provimento de cada um deste conjunto de fatores. (MARQUES, 2007, p.3)

A fim de observar a participação política dos jovens na internet, é válido apresentar os dados do projeto “Jovens eleitores e novas tecnologias” referentes a esse aspecto (Gráfico 8). Importante explicar que o Facebook foi escolhido para que se pudesse monitorar a participação dos jovens, através de um perfil criado especificamente com esse fim e que atualizava diversos conteúdos sobre política, com notícias e eventos relacionados ao tema. A escolha desta rede social se deve ao fato de ter sido mencionada enquanto a mais popular entre os jovens. Importante acrescentar que o Facebook está no topo da lista dos sites de relacionamentos mais visitados no

Brasil, atingindo 64% de acessos<sup>9</sup>. Esses dados são de janeiro de 2013 e foram divulgados pela empresa de inteligência em marketing Experian Hitwise.

De um total de 279 perfis monitorados, durante um período de 17 meses, observou-se que o grau de participação dos jovens foi baixo, em relação às postagens do perfil criado pelo projeto. Foram consideradas as “curtidas” e os “compartilhamentos” dos conteúdos – sendo que “curtir” uma postagem refere-se ao ato de simplesmente clicar em botão de aprovação daquele conteúdo e “compartilhar” já se trata de replicar determinada postagem aos demais da rede.

**Gráfico 8 – Participação dos jovens no Facebook (agosto de 2011 a dezembro de 2012).**



Fonte: Dados do projeto *Jovens eleitores e novas tecnologias*

A partir dos dados apresentados aqui, pode-se dizer que as chamadas novas tecnologias não podem garantir, sozinhas, um aumento do interesse pela política, da organização e da participação política. Muitas atitudes tomadas na internet sugerem que sejam apenas um reflexo de um comportamento externo à rede, ou seja, se o indivíduo não possui interesse pela política fora da internet, dificilmente esse comportamento será alterado na rede. Dessa forma, pode-se dizer que a internet proporciona mais a manutenção dos que a criação de novos vínculos.

<sup>9</sup> O segundo lugar ficou com o YouTube, com 18,50% da preferência dos usuários. Em terceiro lugar está o Orkut, com 4,21% de participação de visitas em dezembro de 2012. Em quarto lugar aparece a Ask.fm, com 2,50%, seguido do Twitter, com 2,06%. Ainda entre os sites mais acessados da categoria Redes Sociais e Fóruns estão Yahoo! Answers Brasil (1,42%), Badoo (1,08%), Bate-papo UOL (0,90%), Google+ (0,076%), e Windows Live Home (0,73%). O tempo médio de visitas ao Facebook foi de 27 minutos e 36 segundos.

No entanto, a internet não é um instrumento “neutro”, pois reforça, como sugerem diversas pesquisas, a participação online de pessoas que possuíam alto grau de participação offline (MAIA *apud* MAIA, GOMES, MARQUES, 2011). Dentre as várias apostas que foram feitas com o surgimento da internet, uma delas seria a redução dos custos da participação política dos cidadãos, uma vez que se trata de uma ferramenta que proporciona maior grau de interatividade entre os cidadãos e os agentes institucionais, é menos limitadora do discurso e garante mais agilidade da comunicação de conteúdos, além de não oferecer altos custos a essas atividades (MARQUES *apud* MAIA, GOMES, MARQUES, 2011).

Gomes (2011) acrescenta, ainda, que as iniciativas democráticas pensadas para a segunda década do século XXI precisam, necessariamente, considerar o perfil dos indivíduos desta época: pouco dispostos ao engajamento; indispostas ao sacrifício de seus projetos e de seu tempo; pouco dogmáticas e menos ideologizadas. Interessante a relação que se pode fazer entre essas características e os aspectos revelados nas pesquisas que foram apresentadas, com relação ao perfil dos jovens.

### **Alguns apontamentos**

As chamadas novas tecnologias oferecem um incremento na participação política, seja oferecendo diferentes caminhos para a busca por informações sobre política ou outras alternativas para a participação. As visões mais otimistas apostaram na internet enquanto impulsionadora da, entre outros, busca pelo debate e participação política. No entanto, é preciso ter em mente que muitos usuários apenas replicam nas redes um comportamento que vem do ambiente *offline*, por assim dizer. E assim, se fora da internet as pessoas não despertam ou não têm interesse pela política, o assunto não compõe suas prioridades no momento de se informar através da mídia tradicional, não debatem o assunto entre seus pares, ou quando fazem procuram o conforto da discussão entre seus *likemindeds*, e não participam da vida política, é natural que esse comportamento seja repetido em outros ambientes, como a internet.

Este trabalho procurou compreender o perfil dos jovens no que se refere à busca e ao interesse por informações sobre política, e à participação política a partir das tecnologias digitais; considerando o pressuposto de que a internet é parte do cotidiano dos jovens. Vale destacar que recorreu-se aos dados produzidos pelo projeto “Jovens

eleitores e novas tecnologias” e das pesquisas Juventude, participação e voto (Telles, 2010) e Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros (2013).

Assim como discutido anteriormente, as primeiras observações sobre a relação entre os jovens e as chamadas novas tecnologias no que se refere à política, permitiram concluir que ela reflete, ou repete uma situação do cotidiano *offline*. Os jovens que demonstraram perceber a política sob o signo da negatividade, com pessimismo e descrentes com relação ao futuro, traduzem esses sentimentos na internet, sobretudo nas redes sociais, ignorando os assuntos relacionados a política. Pode-se questionar que o número de acessos à internet aumentou no Brasil e caminhando na mesma direção, os dados apresentados mostram a internet cada vez mais presente no cotidiano dos jovens. No entanto, é preciso pensar sobre o conteúdo do que é acessado na internet, ou seja, quais os temas despertam mais interesse entre os jovens. E alguns resultados apresentados nesta oportunidade permitem supor que a política não compõe o quadro de preferências temáticas dos jovens, seja na busca por informação, nas discussões e na participação.

Vale destacar, ainda, algumas questões que surgiram no decorrer do trabalho e que contribuem para a compreensão de algumas conclusões sugeridas neste artigo. Uma delas diz respeito à grande oferta de informações que a internet proporciona e a liberdade que os usuários têm de selecioná-las de acordo com seus interesses e aliado a isso, têm-se alguns pontos questionáveis, como a possibilidade de acessar apenas assuntos de interesse prévio e que não apresentem pontos de vista divergentes. Da mesma forma, é possível repetir, na internet, um padrão de comportamento que é a tendência em se aproximar e se relacionar apenas com aqueles indivíduos que partilhem das mesmas opiniões, ainda que exista a possibilidade de escolha – conceito de homofilia.

Na medida em que as pessoas priorizam a busca por assuntos e por redes sociais, principalmente na internet, que partilhem dos mesmos pontos de vista, tende-se a criar um padrão mais homogêneo e evita-se o conflito, e as pessoas permanecem em uma zona de conforto (HUCKFELDT, SPRAGUE, 1995; LEV-ON, MANIN 2009). E esse comportamento parece se aplicar ao caso aqui apresentado.

Se os jovens, como vimos, têm uma visão pessimista em relação à política e, até mesmo, desconhecem que a discussão é mais abrangente e não se resume a períodos eleitorais apenas, é natural que o interesse por política e a busca por informações sobre

ela sejam reduzidos. E se consideramos que na internet os comportamentos são reflexos de atitudes offline, também não se poderia esperar que os jovens agissem de outra forma na rede.

Ainda sobre o comportamento na internet, vale retomar a sugestão de que em ambiente online há um reforço maior de atitudes, do que o estabelecimento de novos vínculos. Sobre isso, ressalta-se que os jovens, em grande medida, mantêm na internet o contato com os mesmos grupos que pertencem às suas redes sociais offline. E isso se reflete nas discussões nas redes sociais online que são produzidas, prioritariamente, nos linkemindeds.

## Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, 1997, p.25-36.

ALDÉ, Alessandra. Cidadãos na rede: tipos de internautas e sua relação com a informação política online. *Contemporânea (UFBA Online)*, v. 9, 2011, pp. 370-389.

AXELROD, Robert. The dissemination of culture: a model with local convergence and global polarization. *Journal of Conflict Resolution*, 41, 1997, pp.203-226.

BAPTISTA, Érica Anita. Jovens Eleitores e novas tecnologias: percepção da política e participação. *Em Debate*, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.124-132, 2013.

BARABÁSI, Albert-László. *Linked (Conectado)* – A nova ciência dos networks: como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Leopardo, 2009.

BARABÁSI, Albert-László et al. Evolution of the Social Network of Scientific Collaborations. *Physica A*, 311, 2002, pp.590-614.

BRITES, Maria José; PONTE, Cristina. Pesquisando a construção da política por jovens. *Em Debate*, Belo Horizonte, v.4, n.8, 2012, p.8-18.

CASTELLS, M. *Communication power*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.

CASTRO, Mary Garcia. *Juventude e Participação: perfil e debate*. Brasília: UNESCO, 2006.

GARTON, Laura; HARTHORNTHWAITE, Caroline; WELLMAN, Barry. *Studying Online Social Networks*. *Journal of Computer Mediated Communication*, V 3, issue 1, 1997.

GRANOVETTER, Mark. *The Strength of Weak Ties*. In *The American Journal of*

Sociology, Vol. 78, No. 6, May 1973, pp 1360-1380.

HUCKFELDT, Robert; MENDEZ, Jeanette Morehouse; OSBORN, Tracy. Disagreement, ambivalence, and engagement: the political consequences of heterogeneous networks. *Political Psychology*, 25(1), 2004, pp.65-95.

HUCKFELDT, R.; SPRAGUE, J. *Citizens, Politics, and Social Communications: Information and influence in an election campaign*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Editora Aleph, 2008.

KIRBY, P., LANYON, C., CRONIN, K. SINCLAIR, R. *Building a Culture of Participation: Involving children and young people in policy, service planning, delivery and evaluation*. Londres: Department of Education and Skills, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999.

LEVINE, P. *The Future of Democracy: Developing the Next Generation of American Citizens*. Medford, Tufts University Press, 2007.

LEV-ON, Azi; MANIN, Bernard. Happy accidents: Deliberation and online exposure to opposing views. In: Todd Davies and Seeta Gangadharan (eds). *Online Deliberation: Design, Research and Practice*. Chicago: Center for the Study of Language and information, 2009. Pp. 105-122.

MAIA, Rousiley, GOMES, Wilson, MARQUES, Jamil (Orgs.). *Internet e Participação Política no Brasil*. Porto Alegre, Sulina: 2011.

MAIA, Rousiley. Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política. In: MAIA, Rousiley, GOMES, Wilson, MARQUES, Jamil (Orgs.). *Internet e Participação Política no Brasil*. Porto Alegre, Sulina: 2011.

MANIN, B. (1997). *Principles of Representative Government*. Cambridge: Cambridge University Press.

MARQUES, F.P.J.A. Participação, instituições políticas e internet: um exame dos canais participativos presentes nos Portais da Câmara e da Presidência do Brasil. In: MAIA, Rousiley, GOMES, Wilson, MARQUES, Jamil (Orgs.). *Internet e Participação Política no Brasil*. Porto Alegre, Sulina: 2011.

MARQUES, F.P.J.A. Participação política e Internet: meios e oportunidades digitais de participação civil na democracia contemporânea, com um estudo do caso do Estado brasileiro. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. 2008.

MARQUES, F.P.J.A. (2007). Governo e Democracia Digital: Um estudo do perfil das oportunidades de participação oferecidas através de sites do Poder Executivo Federal. In: II Compólitica - Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em

Comunicação e Política, 2007, Belo Horizonte. Anais do II Compolítica.

MISCHE, Ann. *De estudantes a cidadãos*. Universidade de Columbia: Tese de doutorado, 1997.

MUTZ, D. C. *Hearing the other side*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MUTZ, Diana C. and MARTIN, Paul S. Facilitating Communication across Lines of Political Difference: The Role of Mass Media. *American Political Science Review*, 95, 2001, pp.97-114.

NOVAES, Regina. Juventude e política. *Le Monde Diplomatique Brasil*, Ano 6, n.64, novembro, 2012.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PARSONS, Talcott. *Sociedades: Perspectivas Evolutivas e Comparativas*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

PENTEADO, Claudio L. C. Facebook e campanha eleitoral digital. *Em Debate*, Belo Horizonte, v.4, n.4, jul. 2012, p.41-53.

PESQUISA. Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros. Secretaria Nacional de Juventude / Secretaria-Geral da Presidência da República, 2013.  
PESQUISA. Juventude, participação e voto. Belo Horizonte: IPESPE/UFMG, 2010.

PROJETO. Jovens eleitores e novas tecnologias: um experimento extensionista com estudantes do ensino médio de Belo Horizonte. Belo Horizonte: IPESPE/UFMG, 2010.

RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. *Ecompos*, Internet, v. 4, n. Dez 2005, 2005.

STROMER-GALLEY, J. Diversity and Political Conversations on the Internet: Users Perspectives. *Journal of Computer Mediated Communication* 8(3): Article 6, 2002.

TELLES, Helcimara. Apresentação da comunicação “Juventude, participação e voto”. *Colóquio Internacional – Mídia, corrupção e novas tecnologias: Brasil e Portugal em perspectiva comparada*. Belo Horizonte, UFMG, outubro, 2012b.

TELLES, Helcimara de Souza; Dias, Mariana. Condutas políticas, valores e voto dos eleitores jovens de Belo Horizonte. *Revista do Legislativo*, v. 43, p. 82-103, 2011.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. *Social Network Analysis. Methods and Applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

WATTS, Duncan J. *Six Degrees. The Science of a Connected Age*. New York: W. W. Norton & Company, 2003.